

Mulheres e Sustentabilidade

Women and Sustainability

Panelistas: Ana Toni, Mara Régia, Marina Grossi,
Thais Corral e Sandra Di Croce

Editores: Gabriela Litre e José Augusto Drummond

DEBATE

Apresentação

No início de 2012, em um painel de alto nível da ONU sobre “Sustentabilidade Global”, os 22 líderes mundiais que redigiram o relatório *Pessoas Resilientes, Planeta Resiliente: o caminho que vale a pena seguir* - debatido também na Rio + 20 - argumentaram que as mulheres são fundamentais para o desenvolvimento sustentável. Mas, alertaram que, para valorizar esse papel, a igualdade de gênero e o empoderamento das mulheres devem alcançar uma dimensão mais significativa no âmbito econômico. **“A persistente desigualdade de gênero tem que ser abordada como parte de qualquer virada séria em direção ao desenvolvimento sustentável”**, afirmou o painel. Infelizmente, fora das recomendações de órgãos como a ONU, a realidade ainda está longe de ser a ideal. No mundo atual, mulheres de todas as idades, culturas e condições sociais enfrentam os maiores desafios socioeconômicos e culturais.

Para o presente **Debate virtual, SeD** convidou mulheres brasileiras com reconhecida trajetória em diferentes campos da área da sustentabilidade: política, academia, jornalismo, militância, economia... Cada uma aportou, por meio de respostas a um questionário *online*, o seu olhar sobre a importância de valorizar as qualidades do feminino no campo da sustentabilidade social, ambiental e econômica.

“Procurar a sustentabilidade é zelar pela continuidade da vida por meio de uma mudança de paradigma, fazendo com que nos sintamos parte de um todo”, explicou a professora e inovadora social **Thais Corral** no começo deste debate. A economista e representante do Brasil em conferências climáticas internacionais **Marina Grossi** concordou: **a sustentabilidade é a única saída** para garantirmos a continuidade da vida. Trata-se, segundo ela, de um conceito transformador, apesar de ter perdido a sua força por conta da banalização. Essa banalização é criticada também pela jornalista especializada em questões de gênero e meio ambiente **Mara Régia**, para

quem **“o sonho de uma sociedade sustentável não se restringe a demandas ambientais específicas”**. Por isso, nos seus programas de rádio, **Mara Régia** luta para traduzir a palavra sustentabilidade a partir de experiências concretas de ribeirinhos, extrativistas, pequenos agricultores e indígenas.

As panelistas também coincidiram sobre a importância do papel do gênero no desenvolvimento sustentável: **a mulher é um importante agente de transformação do comportamento da sociedade** e tem papel fundamental para dar o tom da mudança necessária rumo à sustentabilidade. Porém, **isso não quer dizer que os homens nada tenham a contribuir**. Ao contrário, **“ambos gêneros têm um papel fundamental a desempenhar na busca pela promoção de um mundo mais sustentável e inclusivo”**, lembrou a ativista internacional **Ana Toni**. Mas, existe um problema: **“Para lidar com o tema da sustentabilidade não basta apenas encontrar soluções no desenvolvimento tecnológico ou na gestão mais eficiente de recursos, que são posições mais tipicamente masculinas. É preciso repensar a forma como pensamos e agimos e, sobretudo, as premissas que embasam o nosso desenvolvimento econômico, social e ambiental”**, alertou **Ana Toni**.

No fim das contas, qual seria o **“valor agregado”** de ser mulher quando falamos de sustentabilidade? As panelistas não hesitaram: **as qualidades do feminino, que podem estar expressas nos dois sexos biológicos, têm afinidade com a sustentabilidade**. Essas qualidades são o cuidado, a empatia, a delicadeza, a interdependência, a forte capacidade e sensibilidade de lidar com processos simultâneos e complexos no seu dia a dia, o potencial de transformação, uma profunda visão igualitária e participativa que ultrapassa as barreiras de culturas e de geografias, a capacidade de estabelecer uma comunicação mais eficaz, e flexível, de trabalhar em equipe e em redes, a humanização da produção, a horizontalidade... A lista parece interminável.

Marina Grossi aportou um dado encorajador: **a participação feminina no mercado de trabalho brasileiro tem crescido constantemente nas últimas décadas**. Em 1950, apenas 13,6% das mulheres em idade ativa (acima de 10 anos) estavam no mercado de trabalho, percentual que saltou para mais de 50% nos anos mais recentes. **Mara Régia** concordou: **“Já existe uma semente plantada de cultura institucional de participação feminina igualitária”**. No entanto, apesar desse crescimento e da maior quantidade de anos dedicados aos estudos formais em relação aos homens, ainda é reduzido o número de mulheres que ocupam cargos hierárquicos mais altos no Brasil: **“Apenas 11% das terras brasileiras pertencem a mulheres e apenas 4% das empresas são lideradas por mulheres”**, lembrou **Marina Grossi**.

As causas dessa invisibilidade abundam: muito mais do que a inserção profissional, as mulheres têm de lidar com as expectativas e cobranças da sociedade sobre o seu papel no campo familiar, reclamou **Ana Toni**. **Thais Corral** concordou: **“Vejo muitas vezes as mulheres sendo reféns do sistema dominante, que continua não sendo sustentável, apesar de terem um grande potencial”**, lamenta a professora. Preocupada com as mulheres que, **“para vencer na vida, acabam abandonando os seus valores mais genuínos para exercer cargos de autoridade”**,

Thais Corral exigiu que as mulheres recebam apoio para a criação dos filhos. Desde a Secretaria da Mulher do Governo do Distrito Federal, onde se esta **produzindo um Guia do Poder Feminino**, **Sandra Di Croce Patrício** coincidiu: **“Vivemos em uma sociedade que ainda utiliza gatilhos baseados em gênero**, identidade de gênero, orientação sexual, raça e etnia para manter uma hierarquia nos postos de poder e decisão.” Marina Grossi apontou também para **“a ausência de políticas que permitam conciliar trabalho com a vida pessoal”** e reclamou a execução de projetos e programas das **ações afirmativas de gênero por parte do governo**.

E como melhorar o futuro do Planeta por meio de padrões de consumo mais sustentáveis? A chave está no âmbito doméstico, nas famílias e nos jovens, salientaram as panelistas. **“Vejo que uma grande parte dos jovens hoje abraça esses novos valores e é importante fazer uma aliança com eles”**, celebrou **Thais Corral**, para quem **“as mulheres desenvolvem culturalmente habilidades da gestão da economia no âmbito doméstico**. Se isso for traduzido para o Planeta, certamente o efeito será positivo”. **“Pelo caminho da educação consciente para o consumo e de ações estratégicas de comunicação** capazes de sensibilizar a sociedade”, afirmou **Mara Régia**. Para **Marina Grossi**, **“o futuro do Planeta está condicionado a uma substantiva mudança nos padrões de consumo das famílias**, provocada pela revisão urgente de valores e pressupostos individuais”.

Reproduzimos a seguir os principais extratos do Debate promovido por **Sustentabilidade em Debate**.

Sustentabilidade em Debate: Como você definiria a sustentabilidade e como chegou a se envolver nesse tema?

Thais Corral: Nossa passagem pela terra tem um tempo. A vida na terra vai muito além da nossa existência. **Sustentabilidade é zelar por essa continuidade**. É participar desse fluxo contínuo que vai além de cada um de nós. O envolvimento com esse tema está ligado ao gosto pela natureza e a um sentido de responsabilidade que se traduz em contribuir com a própria vida para alguma coisa importante da nossa época. **Essa mudança de paradigma, de fazer com que nos sintamos parte de um todo** e tenhamos responsabilidade por isso, **me parece uma causa na qual vale a pena investir**.

Mara Régia: Como diria a dona Raimunda dos Cocos, líder extrativista do Bico do Papagaio, Tocantins: “Sustentabilidade... dizer assim o conceito, sei não, mas pouco a pouco, começo a compreender...”. Dona Raimunda não está sozinha: a renomada jornalista Eliane Brum entende sustentabilidade “como um conceito que vai tomando uma forma meio esquisita na boca de alguns políticos e empresários que gostam mesmo é de floresta defunta, **é palavra que vai sendo torturada aqui e ali para significar às vezes o seu oposto, até o ponto que se esvazia de significado e sentido**, de tão gasta que foi para não dizer nada.” É por isso que venho tentando traduzir essa palavra a partir de experiências concretas de ribeirinhos, extrativistas, pequenos agricultores e indígenas. Aliás, esse sempre foi o principal desafio do **Natureza Viva**, programa que tenho o prazer de produzir e apresentar há 21 anos,

pela Rádio Nacional da Amazônia, em ondas curtas para a zona rural. **Natureza Viva** foi criado em 1993 para cumprir o desafio de traduzir o conceito de sustentabilidade, que ganhou visibilidade a partir da Rio '92, para os povos da floresta e das águas. O que me parece fora de dúvida é que, **hoje, quando se fala em sustentabilidade, já não se está falando apenas em equilíbrio ecológico ou em questões puramente ambientais**. Acredito que sustentabilidade caminha para ter a sua melhor definição no encontro dessas questões com as questões sociais, culturais, econômicas e políticas, visto que é impossível separar a degradação do meio ambiente da realidade humana que o ocupa. Assim, entendo que **a sustentabilidade é mais um conceito que se refere a relações, à convergência de problemas e soluções** cujo centro é o tipo de desenvolvimento que temos e as consequências dele. Por exemplo: como podemos equacionar soluções para mitigar os efeitos das mudanças climáticas sem entrar no mérito dos padrões econômicos, de consumo e até mesmo do poder político global?

Marina Grossi: Para mim, **sustentabilidade é um conceito transformador** que, apesar de ter perdido força por conta da banalização, tem um significado muito importante. **Sustentabilidade correlaciona e integra de forma organizada os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais da sociedade**. Eu acredito que a sustentabilidade é a única saída para garantirmos a continuidade, pois apenas com o equilíbrio desse tripé (social, ambiental e econômico) conseguimos avançar de forma perene. Sou economista e optei por este curso porque desejo ver transformações econômicas importantes no país. Eu acreditava que a economia era o conhecimento que poderia alavancar essas mudanças com maior efeito. Depois percebi que a sustentabilidade, que envolve áreas, além da economia, as áreas social e ambiental, poderia efetivar as mudanças que eu desejava. O meu envolvimento com a sustentabilidade se deu um pouco por acaso. Ocorreu mais precisamente em 1997, quando fui chamada para integrar a equipe técnica que trabalhava acerca deste assunto dentro do Ministério de Ciência e Tecnologia, órgão responsável tecnicamente pela área de mudanças climáticas no Brasil. Mudanças climáticas eram um assunto muito novo no país, e para mim também. O Protocolo de Quioto, por exemplo, não era uma coisa de conhecimento comum, poucas pessoas sabiam o que significava ou já tinham ouvido falar dele. Foi fascinante entender o que era mudança do clima e quais eram as suas implicações para a sociedade. Hoje, se pararmos para analisar, trata-se do tema que mais impulsionou as discussões sobre sustentabilidade no Brasil e no mundo.

Sandra Di Croce: No âmbito do I Plano Distrital de Políticas para as Mulheres, do Governo do Distrito Federal, o conceito de sustentabilidade integra um dos seus princípios – o desenvolvimento sustentável. Para o plano, **a sustentabilidade é um valor** que combina a necessidade de elevação da qualidade de vida da população no presente com a garantia de que ainda existirão melhores condições de vida para as gerações futuras. O meu envolvimento com o tema é recente. Surgiu a partir da própria elaboração do plano, que tem um capítulo denominado “Desenvolvimento Sustentável e Protagonismo Feminino”. O plano foi aprovado no final de março de 2014.

Sustentabilidade em Debate: O gênero faz alguma diferença na hora de lidar com o tema da sustentabilidade?

Marina Grossi: O reconhecimento e o respeito pelo papel da mulher são pressupostos do desenvolvimento sustentável, bem como a igualdade de oportunidades para homens e mulheres. **Um país desenvolvido é acima de tudo um país socialmente justo, no qual homens e mulheres, de diferentes culturas, grupos sociais e faixas etárias, têm os mesmos direitos e obrigações, a mesma consideração e o mesmo reconhecimento,** e as mesmas oportunidades. A mulher, sem dúvida, é um importante agente de transformação do comportamento da sociedade e tem papel fundamental para dar o tom da mudança necessária para seguir no rumo à sustentabilidade.

Ana Toni: **Ambos gêneros têm um papel fundamental a desempenhar na promoção de um mundo mais sustentável e inclusivo.** O problema é que para lidar com o tema da sustentabilidade não basta apenas encontrar soluções no desenvolvimento tecnológico ou na gestão mais eficiente de recursos, que são posições mais tipicamente masculinas. É preciso mudar a forma como pensamos e agimos e, sobretudo, as premissas que embasam o nosso desenvolvimento econômico, social e ambiental. Isso envolve repensar, inclusive, o porquê da perpetuação das desigualdades de gênero, que nada mais é do que uma expressão da forma como vemos nossa sociedade e o mundo. Acho que o gênero feminino pode contribuir muito na hora de lidar com o tema, pois **muitas mulheres têm uma grande capacidade e sensibilidade de lidar no seu dia a dia com processos simultâneos e complexos.**

Thais Corral: O gênero faz diferença. **Mais que o gênero, o que faz diferença é o feminino presente em mulheres e em homens.** As qualidades do feminino, que podem estar expressas nos dois sexos biológicos, têm afinidade com a sustentabilidade. Essas qualidades são o cuidado, a empatia, a delicadeza, a interdependência. **As mulheres lidam com a sustentabilidade a partir do cuidado e da consciência de que todos somos interdependentes.** Os recursos naturais, água, terra, ar puro são a base da vida e da saúde. As mulheres entendem por experiência própria o quanto isso é essencial.

Mara Régia: **O gênero faz toda a diferença.** O potencial de transformação das mulheres é enorme. **As mulheres são detentoras de uma profunda visão igualitária e participativa que ultrapassa as barreiras de culturas, geografias etc.** É essa visão que permite a construção de um mundo mais solidário e menos excludente, capaz de gerar alternativas à nossa sobrevivência enquanto espécie. Sob o signo do cuidado, são as mulheres que promovem a educação para o trato da água, até na hora de dar banho nas crianças: “Fecha a torneira, menino! Não jogue lixo no chão! Limpa o prato, comida é coisa que a gente não pode desperdiçar!” **Quando trabalham em rede, as mulheres conseguem estabelecer uma comunicação mais eficaz, flexível; gostam de compartilhar informação como quem troca sementes e apostam no trabalho em grupo,** seja na hora do “puxirum” (mutirão na língua indígena), seja na produção de alimentos e na organização social. Quando líderes, apostam na horizontalidade. **Biologicamente, os ciclos da vida são mais visíveis**

no corpo feminino. Talvez por isso elas sejam promotoras de mudanças nos padrões de consumo e construam um estilo de vida mais respeitoso com os ciclos de regeneração dos recursos naturais e ecossistemas. Sabem que “a morte da floresta é o fim de suas vidas”. Era essa a frase que estava estampada na camiseta de irmã Dorothy Stang, quando foi assassinada no Pará, em 2006.

Sandra Di Croce: A questão de gênero sempre faz toda a diferença. O componente de gênero é capaz de ampliar as fronteiras da compreensão, da articulação e da concretização de ações em todas as áreas relacionadas à sustentabilidade. Ofereço um exemplo ao debate: estamos apoiando a criação de um fórum de mulheres catadoras de materiais recicláveis, para que elas alcancem mais protagonismo e tenham voz no processo de mudanças pelo qual transita o setor. **É notável como o olhar das mulheres catadoras é capaz de enriquecer e humanizar a questão dos resíduos sólidos.**

Sustentabilidade em Debate: Como podem as mulheres participar igualmente nos processos de tomada de decisão, especialmente nas áreas vinculadas à sustentabilidade social, econômica e ambiental?

Ana Toni: É preciso olhar para esta questão de forma abrangente. **Muito mais do que a inserção profissional, por exemplo, as mulheres têm de lidar com as expectativas e cobranças da sociedade sobre o seu papel no campo familiar.** Se há uma reunião na escola dos filhos e a mulher vai, dizem “não faz mais que a obrigação”; se não for, falam muito mal desta mãe. Já se é o pai que vai, há quase uma celebração só pelo fato de ele ter comparecido. **Essa invisibilidade do trabalho e da participação política da mulher no âmbito familiar é ainda muito forte.** É uma realidade dura que as mulheres enfrentam diariamente. É preciso mudar este paradigma para que as mulheres passem a participar mais nesta agenda. Isso passa por aumentar o desejo das pessoas, homens e mulheres, para que isso aconteça.

Thais Corral: Há muitas mulheres tecnicamente competentes. O desafio é ter a visão e mobilizar as condições para que isso de fato faça uma diferença. Isso é mais difícil, pois **vejo muitas vezes as mulheres sendo reféns do sistema dominante, que continua não sendo sustentável, apesar de elas terem um grande potencial.** Acredito que é importante não só pedir que as mulheres tenham mais acesso ao poder, mas também que lhes sejam dadas as condições de exercer o poder de maneira mais integrada e harmônica com os seus próprios ideais.

Marina Grossi: A participação feminina no mercado de trabalho brasileiro tem crescido constantemente nas últimas décadas. Em 1950, apenas 13,6% das mulheres em idade ativa (acima de 10 anos) estavam no mercado de trabalho, percentual que saltou para mais de 50% nos anos mais recentes. No entanto, apesar desse crescimento e da maior quantidade de anos dedicados aos estudos formais em comparação com os homens, **ainda é bastante reduzido o número de mulheres que ocupam cargos hierárquicos mais altos no Brasil.** Um levantamento feito pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC)¹, apresenta um panorama da presença de mulheres nos conselhos de administração, nas diretorias estatutárias e nos conselhos fiscais das empresas listadas na BMF & Bovespa². Em um total de

2.647 posições de conselho existentes em maio de 2011, apenas 204 eram ocupadas por mulheres, representando apenas 7,71%; 66,3% das empresas listadas não incluíam uma mulher sequer em seus conselhos. Esta é uma realidade que precisa ser transformada. As mulheres precisam ser empoderadas e incentivadas para ocuparem cargos de liderança, sem qualquer desigualdade de gênero.

Sandra Di Croce: Acredito que esta condição de equidade nos espaços de tomada de decisão é um processo em construção, que depende de ações concretas e de uma mudança de cultura. **Vivemos em uma sociedade que ainda utiliza gatilhos baseados em gênero, identidade de gênero, orientação sexual, raça e etnia, por exemplo, para manter uma hierarquia nos postos de poder e decisão.** A Secretaria da Mulher trabalha precisamente para inverter essa lógica, com ações voltadas para promover a igualdade de direitos e de oportunidades no acesso das mulheres aos espaços de poder e decisão. É importante, também, que mulheres e homens compreendam a importância da equidade e a implementem, como valor e prática, em seus locais de atuação profissional, social e política.

Sustentabilidade em Debate: *Como fomentar a capacidade empreendedora das mulheres em negócios sustentáveis, dentro do marco institucional da economia verde?*

Thais Corral: Para além da tecnologia, a economia verde tem como premissa a alocação eficiente e eficaz dos recursos naturais. **As mulheres desenvolvem culturalmente habilidades da gestão da economia no âmbito doméstico. Se isso for traduzido para o Planeta, certamente o efeito será positivo.**

Marina Grossi: É preciso perceber que **o investimento nas mulheres é um importante catalisador para o desenvolvimento sustentável.** A ampliação da participação das mulheres na política, na economia e na sociedade como um todo foi apontada diversas vezes como fator claro de desenvolvimento. As mulheres exercem um papel fundamental nas famílias. São elas que influenciam as principais escolhas, determinam o padrão de consumo domiciliar, e acompanham os filhos, orientando a educação e a formação deles. **O futuro do planeta está condicionado a uma substantiva mudança nos padrões de consumo das famílias, provocada pela revisão urgente de valores e pressupostos individuais.**

Sustentabilidade em Debate: *Que tipos de apoio podem ser dados para formar mais mulheres líderes em todos os setores, em cargos estratégicos nas estruturas de poder público e privado, incluindo a política e a economia, sob a perspectiva da sustentabilidade? Como incentivar a igualdade de gênero no âmbito laboral?*

Mara Régia: Acredito que, embora não tenhamos ainda um patamar desejável de paridade entre homens e mulheres nessas estruturas, é inegável que, aos poucos, e como resultado da luta incansável do movimento de mulheres ao longo das últimas décadas, **já existe uma semente plantada de cultura institucional de participação feminina igualitária.** Isso cresce na política partidária e nas ações afirmativas, a exemplo do Programa Pró- Equidade de Gênero da Secretaria de Políticas Públicas para as Mulheres -SPM/PR. Esse programa entende a autonomia econômica e

social das mulheres como condição estruturante para a transformação das suas condições de vida e das desigualdades por elas sofridas, não só de gênero, mas também social e racial. Ele tem como objetivo a conscientização de dirigentes, empregadoras e empregadores sobre a redução dos entraves à participação de mais mulheres no mercado formal do trabalho, essencial para a garantia de seus direitos. Do ponto de vista da sustentabilidade, os avanços nesse campo são fundamentais, visto que **o sonho de uma sociedade sustentável não se restringe a demandas ambientais específicas**. Ele parte de um momento anterior, ou seja, uma sociedade injusta, discriminatória e baseada numa desigualdade fundante, como a de gênero, jamais será capaz de respeitar o ambiente natural como patrimônio de todos. A igualdade de gênero faz parte da perspectiva de mudança de valores inerente à ideia de sustentabilidade.

Thais Corral: A valorização das qualidades femininas é muito importante. Acho que o desenvolvimento da liderança é também o desenvolvimento da confiança nos próprios valores e ideias. Vejo que **muitas mulheres, para vencer na vida, acabam abandonando os seus valores mais genuínos para exercer cargos de autoridade, parte de uma cultura com a qual muitas vezes elas não concordam, mas elas se violentam para fazer parte dela**. Para incentivar a igualdade no campo laboral, acredito que continue sendo muito importante entender as tarefas no âmbito doméstico exercidas pelas mulheres. **A dupla jornada se torna cada vez mais complexa em face das tecnologias da comunicação e de um sistema de vida que exige muito das pessoas. As mulheres precisam de apoio para a criação dos filhos**, precisam de licença maternidade e paternidade, precisam de transportes bons e seguros, precisam de bons serviços públicos de saúde e educação. Essa é a base de uma sociedade que permite que as pessoas se desenvolvam em igualdade de condições.

Marina Grossi: Entre as principais causas da maior presença masculina em cargos estratégicos estão a cultura de encaminhamento por gênero dos profissionais a determinadas áreas, a falta de divulgação de modelos de líderes femininas, e a ausência de políticas que permitam conciliar trabalho com a vida pessoal. Esses fatores ainda dificultam a autonomia e a plena participação feminina nas instâncias decisórias e nas estruturas de poder público e privado. É preciso mudar esse padrão e dar iguais condições de acesso aos homens e mulheres, incentivando a igualdade de gênero. Este incentivo pode ser feito por meio da sensibilização e da capacitação de profissionais, de todas as áreas, sobre a questão da desigualdade de gênero e da inserção da perspectiva de gênero nas relações de trabalho privadas e nas políticas públicas. **O governo pode ter um papel importante, promovendo a inclusão de questões de gênero e políticas públicas para as mulheres**, orientando a execução de projetos e programas das **ações afirmativas de gênero** e se articulando com as organizações públicas e da sociedade civil que tenham como objetivo convergir esforços para a eficácia e efetividade de ações.

Sandra Di Croce: Algumas medidas são indicadas no I Plano Distrital de Políticas para as Mulheres. A produção e divulgação de indicadores sobre a posição e a condição das mulheres nas instituições é um bom começo. **No Governo do Distrito Federal, estamos produzindo um Guia do Poder Feminino, para termos um**

diagnóstico da participação feminina nos postos de poder e decisão. Iremos preparar também a nossa adesão ao Programa Pró-Equidade de Gênero e Raça, do Governo Federal, aberto a empresas e instituições públicas e privadas; ele visa justamente promover a igualdade entre mulheres e homens no ambiente de trabalho.

Sustentabilidade em Debate: *Como promover novos padrões de consumo, especialmente nas classes médias urbanas, com estratégias de comunicação de massa e alianças estratégicas com segmentos sociais que tenham objetivos semelhantes?*

Thais Corral: Acho que existem dois níveis em que as pessoas podem mudar os seus padrões de consumo. Um tem a ver com valores internos, as nossas motivações e o que valorizamos. A maior para das coisas que valorizamos são bens intangíveis: bem estar, harmonia, contato com a beleza, acesso à natureza e acesso à criatividade. Se as sociedades valorizam e estimulam que as pessoas cultivem esses valores, temos uma superação do consumismo, superação essa que acaba preenchendo a falta de objetos de consumo. O outro é uma mudança na qualidade dos produtos que consumimos, de maneira que gerem menos predação e sejam menos nocivos. Em ambos os casos, a comunicação pode ajudar muito. Vejo que **uma grande parte dos jovens hoje abraça esses novos valores e é importante fazer uma aliança com eles.**

Mara Régia: **Pelo caminho da educação consciente para o consumo e de ações estratégicas de comunicação capazes de sensibilizar a sociedade** para a emergência de um mundo que precisa ser mais sustentável, com novos horizontes de satisfação existencial que não se resumam ao consumo exacerbado de bens materiais. Esse é um tipo de engajamento político suprapartidário, de natureza ética, que deveria fazer parte de quaisquer mobilizações de cidadania do povo brasileiro.

Sandra Di Croce: Uma estratégia adotada pelo Governo do Distrito Federal é da **formação de novas gerações com novos padrões de consumo.** A construção de uma cultura de consumo consciente e sustentável é parte do Plano Distrital pela Primeira Infância, ação também protagonizada pela Secretaria da Mulher.

Sustentabilidade em Debate: *De que maneira se pode ampliar o acesso das mulheres às oportunidades educacionais, especialmente aquelas focadas no desenvolvimento sustentável?*

Marina Grossi: Embora haja avanços claros na participação da mulher, as oportunidades ainda são restritas. **Apenas 11% das terras brasileiras pertencem a mulheres e apenas 4% das empresas são lideradas por mulheres.** Além disso, elas têm dificuldade de acesso a bens, crédito e insumos e precisam administrar o tempo escasso, devido à dupla ou tripla jornada de trabalho, uma vez que são elas as responsáveis pelas atividades domésticas e pelos cuidados com a família. Para eliminar essas barreiras é necessária uma articulação entre os atores, já que nenhum deles consegue realizar as mudanças sozinho. Os governos e as empresas são atores importantes para que esta transformação alcance escala e velocidade e engaje a sociedade nesta mudança de comportamento.

Thais Corral: Hoje há muita informação, mas a verdadeira educação é interativa. **Acredito que valorizar experiências locais que expressem os valores da sustentabilidade seja uma ação muito importante.** Em geral são iniciativas a partir das quais as pessoas se sintam mais próximas delas mesmas. Há muitas mulheres envolvidas nessas iniciativas e isso tem que ser relevado.

Sustentabilidade em Debate: *Como é possível eliminar as barreiras ao acesso das mulheres aos recursos produtivos, como a terra, a propriedade, o crédito e os serviços financeiros?*

Thais Corral: Mostrando exemplos de como a participação delas faz a diferença. **Existem crenças do passado que precisam ser desmitificadas** e isso só se faz mostrando exemplos e criando condições para que as mulheres tenham acesso ao crédito e à capacitação.

Sandra Di Croce: No Governo do Distrito Federal temos trabalhado a partir da implementação da transversalidade das políticas de gênero, procurando inserir o recorte de gênero nas políticas públicas de acesso ao crédito, à habitação, à terra e outras. **Temos, por exemplo, o Prospera Mulher, programa de microcrédito produtivo orientado;** temos também um atendimento direcionado às mulheres artesãs e às trabalhadoras manuais que necessitam de serviços financeiros.

Sustentabilidade em Debate: *Há algo mais que as senhoras considerem relevante a ser inserido nesse debate?*

Thais Corral: Considero relevante o papel das redes de mulheres e sustentabilidade. A força de um grupo sempre foi importante para romper barreiras internas (de mentalidade) e externas (de como o mundo vê as mulheres). **A redes tem a capacidade de fazer com que assuntos que parecem tabu sejam abraçados com naturalidade.**

Mara Régia: Gostaria de ressaltar a importância do veículo rádio e de emissoras públicas como a EBC- Empresa Brasil de Comunicação no cumprimento da missão cidadã de levar às populações da Amazônia o acesso a informações e debates sobre questões importantes para o desenvolvimento social, como cidadania, meio ambiente e gênero. É importante ressaltar também que **a radiodifusão reforça a integração e a comunicação entre os povos da floresta que, mesmo hoje, se ressentem da sua situação de isolamento.** Como diz Sr. Régis, morador de Riozinho do Anfrísio, na Terra do Meio, Pará, “O rádio para nós é bússola e calendário”. Esse fato foi comprovado em 1998, quando a Universidade Metodista de Piracicaba (Unimep) realizou a primeira pesquisa de audiência na área rural da região amazônica, como o objetivo de saber o nível de resposta ao Programa Natureza Viva em relação à troca de experiências sustentáveis transmitidas pelo rádio. Todos os líderes rurais conheciam o programa e 76,7% dos entrevistados afirmaram ter adotado, na prática, pelo menos um conceito ou informação difundido pelo programa.

Sandra Di Croce: Quando iniciamos o processo de elaboração do I Plano Distrital de Políticas para as Mulheres, percebemos o quanto a Secretaria da Mulher

precisaria ouvir e consultar a sociedade sobre os temas relacionados ao desenvolvimento sustentável. Por sermos uma secretaria nova, criada neste governo, não tínhamos uma trajetória nessa área. **Estabelecemos um diálogo com a sociedade e fizemos um processo de consulta pública que muito nos ensinaram.** Hoje temos 23 ações que versam sobre o tema para cumprir no biênio 2014-2015.

Ana Toni: Entendo que a discussão sobre a transição para um modo de vida mais sustentável precisa ser norteado pela promoção da equidade a nível internacional e nacional. **A elaboração das políticas públicas em prol da sustentabilidade deve ter como ambição não só a melhor preservação dos recursos naturais, ou o aumento da eficiência no seu uso, mas, sobretudo, tratar das questões de fundo que perpetuam as desigualdades sociais, econômicas e de oportunidades dos cidadãos brasileiros e nos outros países.** O combate à desigualdade de gênero e as maneiras pelas quais a mulher participa deste processo precisam estar contemplados. Os esforços globais para aumentar a resiliência dos grupos mais vulneráveis às mudanças climáticas devem se dar a partir do desenvolvimento das capacidades de adaptação e da colaboração de todos os grupos sociais e econômicos, na medida de suas capacidades, para avançar rumo a uma economia menos intensiva em carbono. As mulheres e crianças estão entre os grupos mais vulneráveis e afetados pela resistência à transição para um modelo de desenvolvimento mais sustentável. Portanto, elas precisam ser chamadas a participar da transição que já está ocorrendo, embora num ritmo e intensidade inadequados.

NOTAS:

¹ N.E.: O Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) é uma das principais referências do Brasil para o desenvolvimento das melhores práticas em governança corporativa.

² N.E.: A BM&FBOVESPA, conhecida como “a nova Bolsa”, é uma companhia que administra mercados organizados de títulos, valores mobiliários e contratos derivativos, além de prestar serviços de registro, compensação e liquidação.

DEBATEDORAS

Ana Toni é sócia-fundadora do GIP – **Gestão de Interesse Público, Pesquisa e Consultoria** (www.gip.net.br), que atua na área de sustentabilidade, desenvolvimento e fortalecimento da sociedade civil, assessorando fundações, *think-tanks* e grupos da sociedade civil, nacionais e internacionais, prioritariamente no desenvolvimento institucional, planejamento estratégico e mapeamento de *stakeholders*, além de conduzir pesquisas. Ana foi diretora da **Fundação Ford no Brasil** de 2003 a 2011, gerenciando uma equipe e um *portfolio* de doações nas áreas de direitos humanos, desenvolvimento sustentável, discriminação racial e ética, e democratização midiática. Foi responsável por três iniciativas internacionais da Fundação



Fonte: Gentileza Ana Toni (2014)

Ford: América Latina - Economia e Globalização; Iniciativa IBSA (trabalho em conjunto do Brasil, África do Sul e Índia); e a Iniciativa Internacional em Propriedade Intelectual. De 1998 a 2002, Ana foi Diretora Executiva da **ActionAid Brasil**, participando de projetos de erradicação de pobreza e desigualdade por meio de iniciativas de desenvolvimento comunitário. Ana trabalhou também na ActionAid UK (1990-1993), como assessora de políticas da organização. Representou a ActionAid UK na Conferência das Nações Unidas em Desenvolvimento e o Meio Ambiente (onde, quando). Teve longa trajetória no Greenpeace, no qual trabalhou primeiramente como diretora da unidade de políticas do **Greenpeace Internacional** (1993-1997) e depois como Conselheira Sênior do Greenpeace

Alemanha. Ela foi Presidente do Conselho do **Greenpeace Brasil** de 2000 a 2003 e atualmente é Presidente do Conselho do **Greenpeace Internacional**. Ana é atualmente membra do conselho editorial do *Le Monde Diplomatique Brasil*, do conselho do **Fundo Baobá por Igualdade Racial** e do **Conselho do Wikimedia Foundation**. É também integrante da **Rede de Mulheres Brasileiras Líderes pela Sustentabilidade**. Ana é formada em economia e estudos sociais na *Swansea University*, Gales, Reino Unido, mestre em políticas da economia mundial pela *London School of Economics and Political Sciences*, e doutoranda em políticas sociais pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) (Brasil).

Mara Régia é publicitária e jornalista, formada pela Universidade de Brasília. Apesar de ser carioca, é cidadã honorária de Brasília. Desde 1990 desenvolve projetos de capacitação para o uso do rádio no trato dos temas ligados à cidadania, com ênfase nas questões de gênero e meio ambiente. Há mais de 20 anos apresenta o programa **Natureza Viva**, pela **Rádio Nacional da Amazônia**.



Fonte: Gentileza Mara Régia (2014)

(Há 33 anos é responsável pelo **Viva Maria**, programa pioneiro na mobilização das mulheres na luta por seus direitos o. (Por sua atuação no radiojornalismo, recebeu o Diploma de “Jornalista Ami-

go da Criança”, concedido pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI); foi finalista do Prêmio Ayrton Senna de Jornalismo, nas edições de 2000 e 2001; foi finalista do Prêmio Cláudia 2003, categoria trabalho social. Em 2005 foi indicada pelo Projeto Mil Mulheres para o Prêmio Nobel da Paz 2005. Além disso, em 2006, conquistou o primeiro lugar na quinta edição do **Prêmio Chico Mendes**, categoria arte e cultura. Em 2011, foi finalista do Prêmio Abdias Nascimento, categoria rádio. Em maio de 2014 foi agraciada com o **Prêmio Nacional de Jornalismo sobre Violência de Gênero - categoria homenagem especial**. Em setembro de 2014, a convite da **Defensoría del Público de Servicios de Comunicación Audiovisual de Argentina**, será a expositora homenageada do **Primer Congreso Latinoamericano de Defensorías de las Audiencias**, na Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.



Fonte: Gentileza Marina Grossi (2014)

Marina Grossi é economista. Assumiu a presidência do **Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável (CEBDS)** em 2010. Membro do CEBDS desde 2005, Marina atuou como diretora-executiva e coordenadora das Câmaras Temáticas de Mudança do Clima e Energia, Construção Sustentável e Finanças Sustentáveis. Tem um vasto currículo ligado à área governamental: atuou como **negociadora do Brasil na Conferência das Partes (COP)** da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (COP do Clima), entre 1997 a 2001; como coordenadora do **Fórum Brasileiro de Mudanças Climáticas**, entre 2001 e 2003. Participou das negociações do **Protocolo de Kyoto** e representou o **Grupo dos 77 (G77)** mais China na área de Mecanismo Financeiro na COP 6 ½ (segunda fase da COP 6), que ocorreu em Bonn, Alemanha. Foi assessora do **Ministério da Ciência e Tecnologia**, na Coordenação de Pesquisa em Mudanças Globais e na Coordenadoria de Comunicação Social. Chefiou a Assessoria Internacional da **Televisão Educativa (Funtevê)**. Em 2003 fundou e presidiu a empresa de consultoria em **Sustentabilidade Fábrica Ética Brasil (FEB)**, prestando assessoria para governos e empresas e lançando, entre outras iniciativas, o projeto **“Carbon Disclosure Project”**. No CEBDS, passou a focar a sua atuação na sustentabilidade de empresas.

Thais Corral é inovadora social. Fundou três organizações que trabalham com o tema mulher e sustentabilidade, duas no Brasil e uma internacional. No Brasil, Thais fundou a **Rede de Desenvolvimento Humano (REDEH)**, que concebeu e or-



Fonte: Gentileza Thais Corral (2014)

organizou o Planeta FEMEA, propôs a estratégia das mulheres durante a ECO 92 e disseminou a Agenda 21. A REDEH hoje coordena uma tecnologia social de adaptação a mudança climática no Semi-árido, por meio do projeto **Adapta Sertão**. No campo da comunicação, é fundadora do **CEMINA** (Comunicação, Educação, Informação e Adaptação), que criou e deu suporte durante duas décadas a uma rede de 400 programas de rádio liderados por mulheres e distribuídos pelo Brasil inteiro. No campo internacional, Thais fundou o **WEDO** (**Women, Environment and Development Organization**), que promoveu a visão das mulheres nas conferências globais da ONU nos anos 90. Projetos liderados por Thais receberam vários prêmios, entre os quais merecem destaque o prêmio 2014 dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio, concedido ao **Adapta Sertão**; o prêmio *Tech Awards*, do Silicon Valley, concedido ao programa **Cyberala** de rádios na Internet; o prêmio Brasil Mulher, concedido a mulheres que se destacam na ação social. Thais lidera a empresa social Sinal do Vale, um laboratório vivo de aprendizagem global pioneiro concebido para voluntários, líderes comunitários, estudantes e empreendedores sociais de todo o mundo. Sua missão é o desenvolvimento de novas iniciativas sociais e ambientais que acabará por melhorar os meios de vida e do meio ambiente. Participa de redes importantes de desenvolvimento de lideranças no Brasil e no mundo. Tem o título de Mestre em administração pública pela Universidade de Harvard (EUA).

Sandra Di Croce Patricio é jornalista, com aperfeiçoamento em **Pensamento Estratégico e Gênero e Diversidade** na **Subsecretária de Políticas para as Mulheres do Governo do Distrito Federal** (Brasil), corresponsável pela coordenação do grupo de trabalho que elaborou o **I Plano Distrital de Políticas para as Mulheres do Distrito Federal** e integrante do Comitê de Articulação e Monitoramento do I PDPM.



Fonte: Gentileza Sandra Di Croce (2014)